

## FILOSOFIA E LITERATURA: CONSIDERAÇÕES SOBRE “O ESCRAVO DO GOVERNADOR” DE SERGE PATIENT À LUZ DAS PERSPECTIVAS EXISTENCIALISTA E HERMENÊUTICA<sup>1</sup>

Josiane da Silva Ferreira<sup>2</sup>  
Antonio Almeida Rodrigues da Silva<sup>3</sup>  
José Carlos Cariacás Romão dos Santos<sup>4</sup>  
Rauliette Diana Lima e Silva<sup>5</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa busca investigar a relação entre Filosofia e Literatura. A partir da visão de aspectos do existencialismo e da hermenêutica a respeito da existência e aspectos do indivíduo quanto ser-no-mundo, propõe-se neste trabalho relacionar as duas vertentes citadas de forma a demonstrar que estão diretamente ligadas, sem nenhum nível de hierarquia entre elas. Contribuindo especificamente para que essa concepção conduza o desenvolvimento de análises relacionadas ao tema proporcionando um maior conhecimento aos que têm interesse sobre o mesmo. Dessa forma, busca-se também uma análise no que condiz à importância da interdisciplinaridade das duas em sala de aula no contexto do Ensino Médio. Toda a pesquisa referente ao nível teórico e de análise se baseia em autores como Sartre, Heidegger, que buscam a necessidade de uma visão mais ampla sobre o estudo relacionando filosofia e literatura, e Nunes, que influenciado por eles, é um exemplo de críticos sobre essa análise. Tomando o livro “O Escravo do Governador”, do escritor guianense Serge Patient, como base, pretende-se realizar uma análise centrada no âmbito filosófico, utilizando-se dos autores citados, e a partir de aspectos literários e filosóficos, propõe-se elencar aspectos das correntes presentes no romance, evidenciando o protagonista, D’Chimbo.

**Palavras-chave:** Literatura. Filosofia. Existencialismo. Hermenêutica.

### RÉSUMÉ

Cette recherche vise à étudier la relation entre la philosophie et la littérature. Du point de vue des aspects de l'existentialisme et l'herméneutique de l'existence et les aspects de l'individu comme étant dans le monde, il est proposé dans le présent document concernant les deux aspects cités afin de démontrer qu'elles sont directement liées, sans aucun niveau hiérarchique entre eux. Contribuer spécifiquement pour cette conception dirigera l'élaboration d'analyses liées au sujet offrant une plus grande

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio – Universidade Federal do Amapá/Universidade Aberta do Brasil – como requisito final para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

<sup>2</sup> Concluinte do Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

<sup>3</sup> Profº. Mestre orientador do artigo.

<sup>4</sup> Profº. Doutor membro da banca avaliadora.

<sup>5</sup> Profª. Especialista membro da banca avaliadora.

perspicacité a ceux qui ont des intérêts. En cette façon, nous cherchons également une analyse dans laquelle correspond l'importance de l'interdisciplinarité des deux dans la salle de classe au contexte du Niveau Secondaire. Toutes les recherches du niveau et de l'analyse théorique sont basées sur les auteurs comme Sartre, Heidegger, cherchant la nécessité d'une vision plus large de l'étude concernant la philosophie et de la littérature, et Nunes, qui a influencé par eux, est un exemple de critiques sur cette analyse. Prendre le livre "Le Nègre du Gouverneur", de l'écrivain guyanais Serge Patient, comme base, nous avons l'intention de procéder à une analyse centrée sur le plan philosophique, en utilisant les auteurs mentionnés ci-dessus et des aspects littéraires et philosophiques, il est proposé d'  num  rer les aspects de courant présenter dans le roman, montrant le protagoniste, D'Chimbo.

**Mots-cl  s:** Littérature. Philosophie. Existentialisme. Herm  neutique.

## INTRODU  O

Através dos anos a filosofia vem se firmando como sendo uma via de compreensão do comportamento e da existência humana, e assim desenvolveram-se diversas ramifica  es dentro dela que divergem em alguns aspectos e convergem em outros, é o que a torna dinâmica e sempre atual como base para análises. Dentre essas vertentes vamos nos utilizar da existencialista, fortemente marcada por Jean-Paul Sartre, que considera o indivíduo como único responsável por sua existência, com liberdade e poder de decisão toma suas decisões e deve estar pronto para as consequências sendo elas boas ou não, e da hermenêutica, que tem como grande difusor Martin Heidegger, que não a considera apenas como uma interpreta  o de texto, mas sim como importante base para o ser-no-mundo. A partir de ambos se constrói uma rela  o da Filosofia com a Literatura, não utilizando uma como suporte para a outra de forma hierarquizada, mas sim de modo a tornar as duas congruentes em suas análises e assim ser possível percebê-las como tais.

No Brasil, temos Benedito Nunes como representante desse tipo de análise, em suas obras fica evidenciada a influência que ele sofreu dos filósofos supracitados. Em séries que analisam obras de escritores como Clarice Lispector, onde ele se utiliza desses conceitos e expõe sua rela  o com determinados temas.

Em diversos trabalhos sobre análise de obras literárias é bem comum encontrarmos abordagens de âmbitos político e social, em um contexto geral, sem se deter ao individual, aos permeios que envolvem determinado personagem da obra na questão filosófica, na sua rela  o consigo mesmo. É exatamente o que se pretende

com este trabalho. Escolhido o livro “Le Nègre du Gouverneur” (O Escravo do Governador – tradução nossa), do escritor guianense Serge Patient, utilizaremos o protagonista, D’Chimbo, para que se analise seu comportamento tanto em si próprio como em relação à sociedade e situação nas quais ele encontra-se. Para tal usaremos como base teórica os aspectos filosóficos dos referidos autores citados anteriormente a modo de conseguir evidenciá-los na obra analisada.

Este trabalho consiste-se em três partes, de início temos uma breve análise da interdisciplinaridade filosofia-literatura no contexto do Ensino Médio, sua abordagem em sala, em sequência temos uma descrição sobre o diálogo entre Filosofia e Literatura indicando pontos que consistem na explanação do existencialismo de Sartre, a hermenêutica de Heidegger e a utilização de tais por Nunes em suas análises de obras literárias, assim como a análise da obra de Patient, caracterização do protagonista, e toda a relação filosófica evidenciada através de suas atitudes no decorrer do romance, e por fim uma contextualização histórica e literária da Guiana Francesa para situar sob quais condições a obra encontra-se nesse contexto, evidenciando toda a influência do movimento literário na região no período depois da Segunda Guerra Mundial, com breve histórico do autor do livro, a influência que sofreu por parte do movimento literário desde sua época de estudante até a fase adulta.

## **1. A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE FILOSOFIA-LITERATURA NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO**

Nos últimos anos a Filosofia vem ganhando visibilidade, o que provocou um aumento pelos cursos nessa área, até porque como indica Gelamo (2010, p. 343), em diversos estados brasileiros é instituído como obrigatório o ensino dessa disciplina no Ensino Médio, o que acaba por proporcionar sua inclusão em exames vestibulares.

Quando se pensa no ensino da Filosofia é necessário levar em consideração não a tornar apenas uma disciplina decorativa de conceitos, sendo apenas uma apreciação de textos antigos, principalmente quando se trata de alunos do Ensino Médio que estão direcionando toda atenção para o vestibular e acabam por decorar tudo, o que vai de encontro a Gabriel (s/d), que acredita que o ensino da Filosofia

Constitui um processo de grande realização e que sem dúvida importantíssimo para a construção da autonomia do pensamento e a formação de cidadãos conscientes e autônomos, não alienados aos diversos

processos que a indústria cultural arquiteta constantemente para estar produzindo pessoas extremamente massificadas, incapazes até mesmo de serem autênticas na sua originalidade de pensar e posicionar-se diante da vida, superando um ensino enciclopédico do saber filosófico.

Sendo assim, percebe-se o grande desafio do professor de Filosofia que é despertar o interesse no aluno pelo saber adquirido por si mesmo, não o tornando pragmático apenas para ser usado em um determinado momento como o vestibular e depois ser esquecido, visto que, de acordo com Grisotto (s/d),

Os alunos se impõem, abdicando de seguir suas trajetórias singulares da vida, para servirem-se de modelos e imitar-lhes as orientações. Não digo, com isto, que refletir criticamente, buscar referências, sejam atos reprováveis, mas que não consistiria numa possibilidade interessante para o exercício do pensamento.

Para isso, é importante estimular nos alunos vontade em expressar suas ideias e para acreditarem em sua própria capacidade de produzir novos e originais pensamentos.

Gabriel (idem) acrescenta que

Diferente de acumular da produção dos diversos pensadores, filosofar é exercitar, organizar e coordenar o pensar, discutir criticamente, correlacionar obras e autores, confrontar pontos de vista e emitir juízos fundamentados.

A partir daí, forma-se um sujeito que critica, que além de filosofar, será capaz de pensar sobre a realidade social em que está inserido, compreendendo e recriando o conhecimento através do seu ponto de vista, otimizando e aplicando ao mundo. E para isso, faz-se necessário que o professor tenha experiência filosófica além da formação teórico-técnica, para não ser apenas mais um transmissor de conhecimento, tornando o ensino-aprendizagem um processo cansativo e nada atrativo para o aluno.

Um dos modos de tornar isso possível é o professor colocar o aluno em contato com diferentes modalidades discursivas, não esgotando em meras metodologias de leitura pois vai além disso, passando pela, o que Fabbrini (2005, p. 8) cita, “atividade de escuta”, ocorrendo uma maior participação na leitura, permitindo uma transformação na leitura a fim de interferir no modo de recepção desse conteúdo sob a literalidade do texto.

O professor será capaz de repassar esse modo de leitura se tiver em sua formação o estímulo da desconstrução nas produções discursivas, e isso pode ser assimilado como o apoio da Literatura, pois dará uma maior visibilidade sobre aspectos textuais talvez desconhecidos pelo futuro professor se possivelmente por seus alunos, pois não existe a leitura de “textos filosóficos” e sim uma leitura filosófica dos textos (FABBRINI, 2005, p. 8), e envolver o aluno em uma multiplicidade de textos e auxiliando o desenvolver do pensamento resulta numa melhor construção de sentidos e acaba por muni-lo com uma linguagem mais segura, distorcendo a ideia de singularidade do conhecimento, visto que “a interpretação cria mecanismos de rearticulação do texto que negam a possibilidade de um estatuto de verdade garantindo por uma linguagem transparente” (Ibidem, p. 10), por fim, ele aponta que o professor

Deve mostrar que a linguagem, a cada texto, se auto-apresenta com sua impotência em demarcar um conteúdo transcendente de verdade, sem recair, contudo, num alarde cético que afirmando a gratuidade das significações desdenha a educação da inteligibilidade.

E o aluno, por seu lado,

Deve apreender que, no âmbito da racionalidade, cada filosofia possui “seus próprios critérios de validade e de objetividade, solidários com o restante de seus enunciados e em harmonia com a estrutura de todo edifício” (PEREIRA, 1975, p. 14)

Tratando-se da interdisciplinaridade, enxerga-se a Filosofia e a Literatura como demonstrações de possibilidades diversas e com isso conseguiríamos entrar no caminho do saber bem mais difundido no meio escolar, o saber científico. Observando que permite um atravessamento na qual as interações são várias e inerentes, sem que haja uma hierarquia, implicando em novos espaços de circulação e desenvolvimento de saberes.

## **2. A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA DE JEAN-PAUL SARTRE, A ONTOLOGIA E A HERMENÊUTICA DA FATICIDADE DE MARTIN HEIDEGGER E A REPRESENTATIVA BRASILEIRA EM BENEDITO NUNES**

Pouco se tem abordado sobre a relação entre Literatura e Filosofia, mesmo com tudo o que existe ainda há o que se explorar, até em lugares como o Brasil com seus inúmeros centros de estudos nas áreas acaba desenvolvendo pouco material, como

aponta Magalhães (2009, p. 48), para quem a problematização sobre a relação entre filosofia e literatura começa com Platão “que entende a poesia a partir da relação entre a realidade eterna e suas ideias perfeitas e as ilusões do mundo material mutável” (ibidem, p. 49), tanto que recorre ao literário não somente na forma como caminho do conhecimento, e mesmo assim tenta estabelecer a diferença entre filosofia e outras formas de discurso, o que compreende uma “busca pelo estabelecimento da palavra filosófica como distinta de outras falas” (ibidem, p. 51). Mas é importante salientar que tentar isolar o pensamento filosófico para se tornar algo próprio não faz com que deixe de ter junto as marcas que negam e acreditam ter superado.

Aristóteles é outro que tem posicionamento em relação à Filosofia e à Literatura, mas ao contrário de Platão, ele acaba, com seus estudos, aproximando uma da outra, influenciando diversas teorias literárias modernas e aproximações filosóficas à poesia e à literatura. Esses dois filósofos iniciam o debate sobre a relação entre Filosofia e Literatura, que acaba assumindo diversas formas no decorrer da história, ou seja, não devem ser tomados de forma estrita, como veremos mais à frente.

É notável a quantidade de estudos hermenêuticos apontando para a pluralidade de enfoques filosóficos acerca da Literatura, relacionando poesia e pensamento, Literatura e Filosofia, buscando não somente identificar a associação entre elas como o que uma implica no conteúdo e forma da outra.

Seguindo, Magalhães (2009, p. 55) afirma que “o ser humano é fundamentalmente hermeneuta e forma um mundo dando a ele constantemente significados”, encontrando-se como ser da linguagem, envolvido pela tradição hermenêutica que lhe oferece uma “pré-compreensão necessária para sua interpretação”, citando Gadamer, que pressupõe a verdade contida no ato de compreensão sobre o mundo sendo não apenas uma descoberta de leis universais como a compreensão do fenômeno em sua concretude, onde se encontra a verdade em diálogo com a tradição hermenêutica.

Jean-Paul Sartre vem com a posição de que a Literatura não é apenas uma ilustração das teorias filosóficas, visto que possui profunda identificação com o discurso filosófico. Ele possui também um forte senso de historicidade no trabalho da literatura e da filosofia, pois “é no condicionamento histórico e nas escolhas que nele fazemos que projetamos e construímos nossa existência” (MAGALHÃES, 2009, p. 57).

Como veremos em seu posicionamento existencialista, o indivíduo é responsável por suas escolhas, e assim por tudo o que ocorre em sua vida.

Sartre foi o primeiro filósofo a se identificar com a corrente existencialista, sendo suas obras importantes influências para a sociedade em geral. Com base nele, podemos considerar liberdade como a escolha que o homem faz de seu próprio mundo. Com seus estudos, Sartre explicita que somos obrigados à liberdade, sem nenhuma espécie de determinação prévia e caso isso ocorra deve ser considerada de má-fé, visto que tudo o que nos acontece é resultado do passado e das escolhas que fizemos nele. É através dessas escolhas que o homem se faz presente no mundo, e com isso, no decorrer de sua existência ele vai construindo sua essência, ou seja, a existência precede a existência (SARTRE, s/d).

Segundo Mello e Pereira (s/d), no pensamento de Sartre, o homem é um ser-no-mundo em total interação possibilitando seu desenvolvimento, já que de início ele é nada, vivendo à procura de sentido para sua vida, e é em cima desse nada que constituirá sua formação, valorizando cada experiência vivida como uma forma de edificação do mesmo. Na obra, a morte da esposa de D'Chimbo, e sua tomada como mercadoria e exposição à venda, sua aquisição pelos Stanley são mudanças que acabam dando sentido ao protagonista, pois ele se vê sem sua liberdade e colocado como escravo, mas “não arrancou os cabelos em desespero nem juntou sua voz ao coro de lamentações”(PATIENT, 2005, p. 23)

Ao ser traficado de seu país para a Guiana na condição de escravo, ele não sabe o que lhe aguarda por não ter conhecimento sobre todo aquele processo, por estar em um misto de vazio, ausência e indefinição, o nada impõe a ele uma mistura de terror e desespero devido ao mistério que o envolve e a ideia de ter que enfrentá-lo. O fato de D'Chimbo ser um ser-para-si efetiva a procura por sentido das coisas e da vida, por suas características de indagador, questionador, que se impressiona com a realidade e com sua própria subjetividade, além de nunca estar satisfeito e sempre querer ultrapassar suas barreiras. Diante desse contexto, D'Chimbo almeja ser como um homem branco, ou seja, seria a personificação do homem branco, a assimilação. Indo muito além de uma simples identidade branca, mas, a sede pelo poder. Por outro lado, para uns ele queria apenas escapar da vida cruel, dos sofrimentos que a escravidão poderia trazer-lhe. Um conflito entre a liberdade total ou a submissão total.

Sartre (s/d) afirma que desde o nascimento o homem está sozinho, sem nada definido anteriormente, visto que para ele Deus não existe e que não há nada que possa determinar o que vai ou deve acontecer, já que o homem é livre e não é obrigado a nada. É a partir dessa liberdade, que surge da inquietação existencial, que o homem escolhe o que vai ser, e com essa escolha determina sua essência e vai atrás de sua realização, criando seus valores.

O homem é livre porque não é si mesmo, mas a presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser. [...], para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser (SARTRE apud MELLO e PEREIRA, p. 5, s/d).

Com isso, percebemos a mudança e D'Chimbo, que enquanto é exposto no mercado, tem todos os olhares devoradores sobre seu corpo, permanecendo imóvel e rijo, no entanto, esse aparente papel de vítima passiva do novo escravo é apenas para disfarçar os pensamentos do protagonista, que deseja decodificar a língua e o comportamento dos brancos:

Antes mesmo de a compreender, ele prestou-se à língua dos brancos milhares de prestígios e sortilégios. Não era esse modo que ele tinha como encontrar o segredo de seu poder? e, quando olharem em seus olhos, e distintamente pronunciarem a palavra 'negro', ele não poderia duvidar que 'negro' agora era ao mesmo tempo o seu nome e patronímio. Ele sentiu D'Chimbo ameaçado por qualquer morte iniciática, e, deixando de ser D'Chimbo, tornou-se negro. (PATIENT, p. 33, 2001- Tradução nossa)

Compreende-se que o indivíduo não tem limite para sua liberdade, exceto para deixar de ser livre, por estarem intrinsecamente ligados e isso ser interpretado como uma condenação, tendo assim, o indivíduo, o dever de fazer de si o que bem entender, e a qualquer momento mudar sua vida, seus desejos, podendo até buscar por um novo significado para sua existência, estando à sua própria sorte, sem nada para se apegar.

O indivíduo ao deparar-se com a consciência de liberdade e as responsabilidades que ela gera tem uma sensação de ambiguidade, de poder e medo, sendo o mais angustiante quando ele tem noção que só cabe a ele decidir cada momento da sua vida, o que por muitos é tomado como insuportável, o que



observamos com Victor Hugues, o governador francês, que ao chegar em Caiena, não a via com potencial para se tornar uma grande cidade, mesmo já sendo sede do governo, ele se vê diante de um desafio e se firma como governador, como ser intangível, buscando sua realização, sem demonstração de medo, angústia ou desespero, características do ser apontadas por Sartre. Em visita aos Stanley, acaba por convidar D'Chimbo, em quem se vê quando mais novo, a liderar a equipe que formava para capturar escravos foragidos.

Sou responsável por tudo, de fato, exceto por minha responsabilidade mesmo, pois não sou o fundamento do meu ser. Portanto, tudo se passa como se eu estivesse coagido a ser responsável. Sou abandonado no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre a água; mas, ao contrário, no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente livrar-me um instante sequer, desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades. (SARTRE apud MELLO e PEREIRA, p. 6, s/d).

Para o filósofo francês, a angústia só pode ser considerada como tal e junto com a liberdade, é a simples confirmação sobre a fragilidade humana, visto que surge na medida que o indivíduo não tem capacidade de enfrentar o que tem de ser do seu futuro, restando-lhe apenas os sentimentos de conflitos em sua existência. Na obra de Patient, temos diversos momentos em que D'Chimbo se defronta a sua realidade, como em “a condição de escravo não lhe permitia reconhecer a individualidade senão por meio do ódio do patrão”, durante o tradicional chá das cinco dos patrões, onde Lady Stanley o trata de forma rude. Na análise de Nunes (2009), a náusea de Sartre é a representação de forma emocional e violenta da angústia, arrebatando o corpo em uma manifestação por meio de reação orgânica definida, a classifica como “sentimento específico e raro”, o que nos permite compreender de forma preliminar o Ser, mas o que só acontece quando nos sentimos existente confrontando nossa existência e ficamos sob domínio dessa angústia. Ele segue dizendo que Heidegger usou-se desse sentimento aplicado por Sartre para descrever angústia em sua obra, o *Ser e o Tempo*, com a terminologia da analítica existencial.

O mal-estar da angústia provém da insegurança de nossa condição, que é, como possibilidade originária, puro estar-aí. Abandonado, entregue a si mesmo, livre, o homem que se angustia vê diluir-se a firmeza do mundo. O que era familiar torna-se-lhe estranho, inóspito. Sua personalidade social

recua. O círculo protetor da linguagem esvazia-se, deixando lugar para o silêncio. (NUNES, 2009, p. 95)

É só através da liberdade de escolha, segundo Sartre, que o indivíduo pode realizar seus desejos, levando-o através de um caminho mais curto ao seu propósito fundamental de vida, o que só funciona se agir de forma responsável, pois ser livre é ser responsável. Como quando D'Chimbo pede a Lady Stanley para lhe ensinar francês, que era seu desejo, ela percebe que o desejo é real e que ele fala sério sobre o assunto e decide ensinar, em forma de “uma barganha honesta”, onde ele proporcionaria prazer e em troca ela daria alguns ensinamentos.

Conhecer a língua falada parecia-lhe a chave capaz de abrir essa sociedade fechada que o espezinhava e impedia os movimentos. Escapar à condição maldita de escravo sem oportunidades, esse destino de escravos cuja idéia fixa seria sempre a fuga. (PATIENT, 2005, p. 29)

As aquisições linguísticas de D'Chimbo acabam por ultrapassar as de sua patroa. Ele chega a falar a ela sobre um plano de igualdade, com os dois no quarto dele, onde os papéis sociais do lado externo se anulavam de forma a não haver instituições regendo seus comportamentos, é o momento que ele sente-se um pouco mais livre: “Dizemos ‘tu’ para escravo. Aqui, no meu quarto, eu não sou escravo de ninguém. Me trate por ‘vós’, eu o exijo” (ibid, p. 45 – Tradução nossa). Um sabendo a língua do outro, ele pode fazer o papel de patrão e redefinir o comportamento de Lady Stanley em seu território.

Decidindo por adquirir o idioma dos brancos, D'Chimbo toma como uma das maiores de suas metas, sobrepondo-se ao que lhe é ensinado, mostrando que foi capaz de determinar o que ocorreria com sua vida, se mostrou dono de suas escolhas, consequentemente, de suas ações, aspecto marcante da corrente existencialista de Sartre. É nesse ponto que ele se diferencia dos outros escravos, que se permitem manter nas situações a quais foram expostos. O que vai possibilitar o desenvolvimento em D'Chimbo é sua interação, constituindo sua formação e o que para Sartre, permite valorizar toda e qualquer experiência na vida, de modo que contribua com o indivíduo, no caso, o protagonista do romance.

Sua história pode ser lida como de uma irresistível ascensão social: o escravo que vira “homem” por inteiro. Suas qualidades humanas não passam despercebidas.

Mas seu aparente sucesso social o aliena da população negra que o associa a um branco. Mas quando ele se apaixona pela branca Virginie e que deseja casar, a sociedade colonial não permite e lhe devolve o reflexo de um imigrante escravo indesejável.

Com Patient temos a valorização do personagem, temos que D'Chimbo é um negro sem complacência, que não se situa mais na dialética patrão/escravo como alternância entre depreciação e submissão. Ele alcança as questões de poder, principalmente onde se encontrava.

Muito além de uma identificação, D'Chimbo busca também o poder, e como não compreendia francês, sabia que isso era o que deveria correr atrás, pois era o que era assimilava como sendo o segredo deles, que a superioridade dos brancos estava em sua língua.

No entanto, ele percebe que continua o mesmo e que seu sonho de se livrar da fatalidade de negro escravo não passava de uma ilusão, tornando-se palco de seu próprio drama, e que no final da obra, ao ser questionado por sua patroa se ele havia mudado, sua única resposta é que suas roupas haviam mudado bastante.

Transpassando o interesse histórico, a trama bem realizada e uma técnica narrativa baseada sobre um abismo, essa crônica é também um questionamento do autor sobre a ideologia da assimilação, um século após a abolição da escravidão e trinta anos após a lei de departamentalização de 1946. (NDAGANO apud PATIENT, 11, 2001).

O existencialismo considera a existência como tendo prioridade sobre a essência humana, o que significa que o homem existe independentemente das definições que são pré-estabelecidas sobre seu ser, tornando-se responsável pelo que é, o que não significa que é responsável apenas pela sua individualidade e sim por todos os homens. Sartre (1970) aponta que “ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens”,

Segundo Santos (2013), “hermenêutica refere-se a uma atividade muito antiga do espírito humano (...) essa atividade alcança um espaço maior no âmbito filosófico, de tal modo que hoje é possível concebê-la como uma das correntes da filosofia

contemporânea”. Durante toda a história diversos filósofos contribuíram da sua forma para a sua consolidação na filosofia, e um dos fortes pilares para isso foi Martin Heidegger, alemão que, com suas obras iniciais critica a metafísica tradicional, apresentando a hermenêutica da facticidade, o que ele considera como básico para o Ser-aí enquanto ser-no-mundo.

Mesmo não sendo seu ponto principal de pensamento, Heidegger demonstra latência na sua abordagem hermenêutica, através da forma como aborda a história da filosofia, entregando-nos importantes aspectos nesta área. Na verdade, para ele, hermenêutica é algo maior e vai além da interpretação de texto, e acaba aplicando seu conceito à vida, ao fato do existir, pois não a considera como um conjunto de regras da interpretação textual e sim uma referência à interpretação fenomenológica da própria existência humana. Em seu pensamento a hermenêutica é um aspecto da filosofia fenomenológica e serve de base para a formulação da pré-estrutura da compreensão do Ser-aí enquanto ser-no-mundo.

Heidegger deixa evidente seu descontentamento com a ontologia tradicional e moderna, alegando objetualidade do ser por parte das duas, o que o leva a desenvolver a ontologia a partir daquilo que ele estuda, ocupando-se do ente e de suas possibilidades, apontando para uma reconfiguração da ontologia, confirmando e não ignorando o caráter fático do ser. É no livro “Ontologia: hermenêutica da facticidade”, que ele desenvolve seu próprio conceito de hermenêutica e esclarece diversos conceitos em torno do tema.

Pela ontologia de Heidegger, não podemos abordar o ser como um objeto de conhecimento possível de ser apreendido, e Santos (2013) explica que refere-se ao fato de que quando o fazemos passamos para ele nossas categorias, esquecendo o ser, reduzindo assim a possibilidade de compreender a realidade da ontologia, devendo estar disponível para a facticidade do ser, estando o fático à base da interpretação e não mais suspensa e limitada à forma que o homem utiliza para apreendê-lo, de forma que a ontologia não compreenda o ser como algo fixo, determinado como objeto. Usando-se desses aspectos, podemos analisar as mudanças ocorridas na vida de D’Chimbo, visto que ele passa por diversas situações e isso acaba alterando comportamento e pensamentos, o que nos mostrar um ser fora do eixo fixo, determinado, um ser mutável, que passa de homem livre a escravo e logo

depois a capitão de exército, mas quando perguntado por Lady Stanley se mudou muito responde “minhas roupas mudaram bastante. Eu usava um uniforme de lacaio” (PATIENT, 2005, p. 86).

O alemão defende “que a hermenêutica é o caminho mais adequado de apreensão do ser fático, uma vez que ela se propõe seguir este caminho” (SANTOS, 2013, p. 6), assumindo uma conduta mais flexível ao alternar o centro da interpretação para o horizonte interpretativo do ser buscado na rede de objetividades, pois para ele, se o ser é marcado pelo devir,

O estudo ontológico precisa ir (retornar) às coisas mesmas, em seu hoje, em sua ocasião no exercício sempre renovado de buscar o ainda não mostrado, onde o interpretar não é fixar os limites do objeto, mas descrever e ‘mostrar’ aquilo que os entes revelam. (SANTOS, p.6, 2013)

De forma direta, Heidegger associa hermenêutica e ontologia, ao apontar que aquela é a melhor forma de apreender-se o ser, estando ela configurada como unidade de realização da interpretação da facticidade que conduz ao encontro, visão, maneira e conceito de facticidade. Outra associação que ele faz é da hermenêutica com a existência, mostrando que a compreensão hermenêutica tem por objetivo constituir a existência, existindo assim uma relação inerente entre o compreender e o existir, o que só se evidencia no indivíduo através dele e para ele, sendo ele o único ser ciente da facticidade, de si próprio e de tudo o que o cerca. Querendo apresentar uma possibilidade de ser em um determinado momento, que remeterá à experiência fundamental que possibilita qualquer significação de tais conceitos.

Enquanto hermenêutica da facticidade, a hermenêutica torna-se, a princípio, a constituição existencial do homem, “ganhando status de variável antropológica” (SANTOS, 2013, p. 8). É esse caráter fático da hermenêutica que está relacionado ao existencial e que possibilita ao homem conhecer os entes e assim interpretá-los, dando conotação a uma familiaridade do ser-aí com o mundo. A facticidade relaciona-se ao próprio modo ser do Ser-aí concreto e apenas com ele pode ser analisada e desenvolvida. Podemos considerar através de Heidegger, que enquanto ente marcado pelo horizonte da temporalidade, os personagens já possuem um passado significativo que influencia todas nossas atitudes presentes, assim como orienta as decisões em relação ao futuro.

Tendo uma atividade que sempre ocorreu em confluência do poético e do filosófico, fecundando-os em diálogo, Benedito Nunes ocupa, consoante Pinheiro (2009) “lugar peculiar no pensamento ensaístico brasileiro”, explicando que a obra do brasileiro possui como característica a dupla valência da crítica e da estética, e em vários âmbitos, como as maiores considerações filosóficas sobre arte e as obras singulares sobre a natureza deste segmento. Marcada também pelo discurso hermenêutico e analítico que busca entender determinadas obras, seguindo determinado aspecto filosófico, baseando assim categorias de compreensão da Literatura em sua essência, pois para ele “não há crítica sem perspectiva filosófica; a compreensão literária, ato do sujeito, implica uma forma singular de conhecimento, logicamente escudado e constituído pelo método próprio de que se utiliza” (*apud* PINHEIRO, 2009, p. 3). E são esses aspectos presentes na obra de Benedito Nunes que caracterizam o pensamento brasileiro, que “revela a complementaridade da crítica e da estética como âmbitos reflexivos sobre a arte, permeáveis, convergentes e mutuamente enriquecedores” (*ibidem*, p. 3).

Nunes (2009) diz que a relação entre poesia e filosofia são transversais e não diretas e cita Jean-Paul Sartre como tendo

Prioridade do lado dos filósofos, nessa exposição, pois foi nele que se extremou a relação entre Filosofia e Literatura, num nexos trilateral da mesma atividade de escritor, ora romancista e dramaturgo, ora ensaísta e tratadista.(p. 36)

Sendo que “trilateralidade” tem como marca diversos cruzamentos internos, como por exemplo o que ocorre entre Filosofia com o drama e com o romance e Nunes (*ibidem*, p. 37) aponta também que

Filosóficos na intenção, os dramas de Sartre, decisivo exemplo de cruzamento interno, exteriorizam a estrutura eminentemente dramática da existência humana descrita filosoficamente por esse escritor e pensador francês.

Benedito Nunes (2009) tem forte influência de Martin Heidegger e afirma que esse “tentou libertar-se de elementos subjetivistas e antropológicos” ao dar à fenomenologia uma classificação hermenêutica no “sentido de ser na existência humana situada no mundo e estruturada pelo tempo” no livro *Ser e tempo* de 1927. Destaca também o idioma filosófico do alemão que é repleto de criação de verbetes, e um dos basilares é o termo Ser-aí, representando “tanto o homem como o aí do ser,

o ente no qual o ser se manifesta, quanto ser aí, existente no mundo, de tal forma que sua estrutura lhe impõe um movimento extático, fora de si” (ibidem, p. 37), tornando-se assim atemporal em seu ser, o que possibilita contornar a linha da metafísica, transitando para o comportamento do ser na linguagem dos poetas.

A partir do momento em que o Ser-aí compreende o mundo e a si como poder-ser não reconhece nem a natureza nem a si mesmo antes de interpretar-se, sendo que “o conhecimento se funda no ser interpretado como ‘tal ou qual’, isto é, previamente compreendido na fala, no discurso que nos constitui como ente, e que possibilita os enunciados proposicionais” (NUNES, 2009, p. 39). Acontece que a verdade considerada originária não se encontra nesse tipo de enunciado, mas no desvelamento da compreensão, considerado temporal e histórica e deslocando-se o centro da noção de verdade no que se aceita no discurso, tornando o campo comum de experiência, fixando o que for possível em relação ao conhecimento científico, aproximando assim filosofia e poesia, sustentando a ligação histórica no atual contexto cultural.

Toda essa influência sofrida de Heidegger é notada desde os primeiros ensaios de Benedito, como na coletânea “O Dorso do Tigre”, de 1969, no qual percebemos a tentativa em unir, hermeneuticamente, Literatura e Filosofia, sempre fundamentando-se filosoficamente na fenomenologia hermenêutica do alemão, reconhecendo

Que o sentido a arte é inseparável do sentido do ser, e que a redução fenomenológica, tal como proposta pelo autor de ‘Ser e Tempo’, neutralizaria a vigência da estética moderna, cujas categorias encobriam a metafísica que lhe é subjacente; (PINHEIRO, 2009, p. 4)

Articulando sua crítica filosófica no caminho da compreensão originário da arte, aberto por Heidegger, Nunes encontra uma arte autônoma, independente de verdade que lhe são alheias, que possibilita a abertura para o mundo.

Mas é nos ensaios sobre Clarice Lispector, que ele evidencia de forma mais clara o vínculo da fenomenologia que une a linguagem à existência, dando assim o aspecto dramático da escrita de Lispector na busca pelo sentido do ser, e se a arte literária revela o ser, em meio a linguagem da qual faz parte, cabe a quem a interpreta escutá-la, sem interferir para que possam juntos entender qual evento da verdade lhe deu origem.

E assim, a crítica de Nunes é o que aproxima filosofia e literatura de forma a preservar a identidade de cada interlocutora, não existindo assim hierarquia entre elas, baseando-se “na fenomenologia que levou a filosofia para a dimensão da existência individual, para a experiência literária e artística, e para a reflexão ontológica sobre linguagem” (*ibidem*, p. 6).

### 3. CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DA GUIANA FRANCESA

A literatura da Guiana Francesa juntamente com a literatura das Antilhas Francesas (Martinica e Guadalupe) tradicionalmente retratam várias passagens dos contextos históricos voltados para as relações sociais e étnicas das chamadas sociedades “créoles”<sup>6</sup>. Para Mam Lam Fouck (2000), vários temas como a colonização francesa, a abolição da escravatura e a condição dos negros influenciaram os escritores literários daqueles países desde a chamada Primeira República até à literatura contemporânea, com destaque maior para o Movimento Negritude que surgiu antes da Segunda Guerra Mundial.

As passagens históricas que formaram a identidade cultural, política, econômica e social das Antilhas e da Guiana Francesa são fatores bastante significativos para a base literária dos autores dessas regiões.

Na Primeira República por exemplo, o chamado “tempo da assimilação triunfante”<sup>7</sup> foi uma tentativa da França colonizadora impor às colônias sua cultura e sua política. De acordo com Mam Lam Fouck (*ibidem*), o discurso político era uma tentativa de incentivar um sentimento de pertencimento à Nação Francesa, “O discurso político da escola, notadamente durante a III República, desenvolve na

---

<sup>6</sup> O termo “créole” no início da colonização, designava os europeus nascidos na Guiana Francesa e nas Antilhas, mas também, os descendentes de escravos africanos recebiam esta denominação. Posteriormente, o termo estendeu-se para os escravos libertos e aos seus descendentes, imigrantes de várias origens que adotaram a cultura local. Pode-se afirmar que a cultura “créole” são inúmeras práticas desde os costumes até a língua “créole”. (MAM LAM FOUCK, p. 2, 2000)

<sup>7</sup> No processo histórico da colonização a sociedade local passou a construir severas críticas quanto a política de assimilação, pois, considerava que a mesma excluiu desse processo de valorização identitária os quilombolas e os indígenas, citando apenas em seus documentos os “créoles”. As novas reivindicações consideravam guianenses todos os povos que habitam no espaço geográfico guianense, mesmo os chamados “estrangeiros”.



França como na sua colônia um patriotismo, cuja versão colonial seria o culto à mãe pátria”.

Apesar de todo um discurso patriótico da “pátria protetora”, idealizada como a defensora dos direitos humanos, paradoxalmente, a escravatura nas colônias francesas era uma realidade que ganhava cada vez mais espaço, sendo que desta forma, este percurso deixou muitas marcas na sua história, como um regime cruel escravagista, que nas palavras de Man Lam Fouck (ibidem), os negros da Guiana eram tratados como “aglomeração de bestas”, definição usual entre os homens que conduziam a política daquela época.

Na organização daquelas “novas sociedades” o tema escravatura e abolição ficou marcado nos discursos dos homens públicos, como “uma benfeitoria da civilização europeia”, por meio da abolição dos escravos Antilhanos e Guianenses, como bem destaca Man Lam Fouck (2000), sendo considerado ainda um grande gesto humanitário até ultrapassar as fronteiras políticas, para enfim, chegar como um grito de reivindicação como crítica literária, recusando-se a aceitar a manipulação da memória coletiva das comunidades Antilhana e Guianense.

Por esse motivo, foi necessário denunciar, contestar a política de Assimilação imposta pelos colonizadores europeus, que acreditavam válidas somente as ideias culturais brancas provenientes da Europa, assim surgiu um movimento intelectual liderado por Aimé Césaire, representante da Martinica, Léon Gontran Damas, da Guiana Francesa e Leopold Sédar Senghor de origem senegalesa, que passa a “resgatar e a enaltecer os valores e símbolos culturais de matriz africana” (Domingues, 2004). Criaram a revista “L’étudiant Nègre (O Estudante Negro) como importante difusora do movimento, através da qual publicavam matérias, artigos e poemas, com a qual também Léon Damas proclamava “não somos mais estudantes martinicanos, senegaleses ou malgaches, somos cada um de nós e todos nós, um estudante negro” (apud Domingues, ibidem). Aparecem antes da Segunda Guerra Mundial com o objetivo de “reconstrução”, idealizar “um novo caminho” da história de suas identidades:

Sobre o caminho de tentativas de reconstrução de um imaginário próprio destinado aos negros que vivem de forma diferente sem confusão identitária. Damas e Césaire têm como bases uma reconstrução identitária que almeja ampliar-se logo nos primeiros momentos das décadas do regime departamental.

A literatura seria porta voz dentro de um contexto histórico de várias comunidades, neste caso denunciava-se uma ideologia racista e colonialista que insistia em prevalecer por meio de práticas herdadas pelo sistema escravagista. A palavra seria uma maneira de não ser mais conivente com uma situação de que o “colonizado” ficaria sempre no papel de “proletariado” a serviço do interesse colonial e ser renegado a um cidadão de segunda classe.

Os escritores do movimento intitulado “Négritude”, termo criado por Césaire com ênfase positiva na afirmação do negro e sua consciência de identidade, desejavam romper com a imposição da ideologia de Assimilação, desta maneira, Aimé Césaire, Léon Gontram Damas e ainda, Léopold Sédar Senghor recusavam-se a seguir os discursos racistas que direcionavam à cultura antilhana e guianense a ideia de superioridade dos colonizadores europeus que insistiam em permanecer como base na identidade daqueles povos, marcando assim a fundação da ideologia da negritude no cenário mundial.

Desta forma, as primeiras obras do movimento eram reivindicatórias e denunciativas. Damas, em “Pigments”, é o primeiro a reivindicar “sua própria identidade, insurgindo contra os atos do sistema colonial, o poeta se exprime a respeito da miséria material, psicológica e moral que sofre o homem” (TOUMSON, p. 404, 1989 apud MAM LAM FOUCK, 2000).

Césaire, outro grande escritor considerado para Mam Lam Fouck (ibidem) um dos mais importantes dos escritores por influenciar toda uma geração a acreditar e lutar pelos ideais colonialistas:

E este país que acreditava que durante séculos que nós somos bestas brutas, que o pulsar da humanidade acaba nas portas da negritude [...] que nos marcaram a ferro vermelho e nós dormimos sob nossos excrementos e seríamos vendidos nos lugares enquanto que os lençóis ingleses e a carne salgada da Irlanda custariam mais baratos que nós.

A temática principal dos autores do movimento Negritude e de outros mais que viriam depois, seriam os problemas existentes em seus países: a questão de reconstruir a memória coletiva cujas consequências deste redirecionamento foram abordagens muito importantes:

Um olhar que emerge de uma projeção íntima e valoriza cada passagem da realidade antilhana, como um evento dentro da perspectiva de mudar a visão tradicional, exterior e submissa a alienação. (GLISSANT, p. 278-279, 1981 apud MAM LAM FUCK, 159, 2000)

A reconstrução de uma memória coletiva seria trazer à consciência da maioria das pessoas um olhar diferente com relação a representação da escravidão pois, seus conceitos foram construídos baseados nas ideologias da assimilação.

Estes conceitos, segundo Mam Lam Fuck (2000), trouxeram dois conflitos à memória coletiva: o negro selvagem, não civilizado e do negro combatente, herói das lutas contra a escravidão, sendo na maioria das vezes descrito pelos ricos proprietários de terras como alguém que atrasa o processo colonial “civilizatório” e a ordem colonial. Dessa forma, essa representação foi se perpetuando para outras gerações, influenciando o tratamento aos chamados “mulatos” das comunidades localizadas mais ao interior da floresta amazônica guianense.

Dentre tantas representações que a história da colonização dos povos antilhano e guianense retrata e influência na base cultural, antropológica e política, foi-se construindo uma variedade de personagens ricos em facetas, características e particularidades que geralmente são analisados sob o ponto de vista antropológico a partir dos temas da luta dos negros, da sua liberdade e sua luta por uma base identitária local.

Nesse contexto repleto de personalidades, nas entrelinhas de tantas reivindicações, o homem filosófico está presente, embora no meio de um turbilhão de situações diversas, ele parece ser ignorado na sua faceta filosófica dando-se mais ênfase ao homem antropológico e político. Geralmente as análises das obras literárias antilhanas ou guianenses evidenciam fortemente os aspectos de origem antropológica, política, étnica e histórica da evolução da colonização francesa em seus territórios, chamados ultramarinos. Mas, deve-se ressaltar que não existe crítica literária sem as perspectivas filosóficas, por esse motivo, os autores, as obras e os constantes questionamentos e inquietações da literatura guianense surgem por meio dos personagens, dos enredos, do tempo e do espaço, são elementos literários que unem a linguagem (o pensamento) à existência revelando nas entrelinhas, um diálogo entre o filosófico e o literário.

Nascido em Caiena em 24 de março de 1934, Serge Patient estudou no colégio Félix Ebouté de Cayenne antes de ir para a França onde fez o curso de Letras, enquanto isso participou da União do Estudantes Guianenses (UEG). Ao voltar à Guiana, lecionou espanhol no mesmo colégio em que estudou, de 1958 à 1970. Nesse

mesmo período militou pelo partido da União do Povo Guianense (UPG – que exigia um estatuto de autonomia). Sempre ativo, ele assinou diversos artigos na sede do partido Consciência Guianense. Teve sua carreira política iniciada em 1973, como conselheiro geral, vereador e depois vice-prefeito da cidade de Kourou até 1995, quando ele já havia adquirido uma maturidade política considerável. Dessa forma, seu espírito militante em meio a diversos movimentos assim como sua experiência política forneceram-lhe, sem dúvida alguma, os elementos necessários para alimentar suas crônicas e poesias.

Patient (2010), em entrevista a Thomas C. Spear, conta que começou de leitura quando estava no colégio, onde recebia uma educação clássica envolvendo a literatura clássica do século XVII, tendo toda sua infância e adolescência marcada pelo classicismo da educação francesa. Fortemente influenciado pelos representantes do Movimento Négritude, ele afirma que

Retornando à Guiana, esses jovens intelectuais nos fizeram olhar primeiro para nossa realidade. Não através do olho alheio, mas através do nosso próprio olhar. Foi esse primeiro olhar proposto sobre nossa própria realidade guianense que me fez amar outra coisa além da literatura clássica ou romântica francesa. Não que eu a tenha negligenciada, mas eu completei esta cultura inicial com o conhecimento de autores vindos da África, das Antilhas e da Guiana. (Tradução nossa)

Atualmente, Serge Patient segue uma outra vida, aposentado, o que, segundo suas promessas, garante-lhe o tempo para retomar a escrita, suspendeu todas suas responsabilidades administrativas, políticas e associativas. Esta nova vida começa com grande efeito: um questionamento sobre seus primeiros escritos, onde ainda na entrevista comenta que

Devemos amar a nós mesmos como seres complexos, como crioulos, isto é, não ter uma única identidade, mas também como disse Glissant, uma identidade múltipla. Ele compara a identidade crioula não com estas plantas que têm uma raiz, mas com as plantas de mangue, que têm várias raízes, mergulham na mesma terra e cada uma contribui para levar a este tronco único que é tronco crioulo. Isso é exatamente como deve-se abordar o problema da identidade crioula. (Tradução nossa)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tomar filosofia e literatura como totalmente separadas, sem relações comuns é um erro, autores como Jean-Paul Sartre, Martin Heidegger e Benedito Nunes reiteram em suas obras a fundamentação em considerar que as duas devem estar juntas, de forma que uma seja o suporte da outra, e não de modo a formar uma hierarquia impondo que haja níveis de importância entre elas, desprendendo-se da ideia de que a literatura é uma representação das teorias filosóficas. E isso é importante tanto na compreensão de acontecimentos no cotidiano, para que possamos ter necessário para não restarem dúvidas sobre eles quanto na sala de aula, para que o aluno adquira essa aptidão através das aulas de Filosofia, tendo a Literatura lado a lado nesse desenvolvimento.

Observando obras dos autores citados conseguimos perceber como o indivíduo se constrói em sua existência, tomando-se da liberdade que possui para determinar o que vai ocorrer em sua vida sabendo que será o único responsável pelas consequências, sem poder ter alguém para culpar. O que fica facilmente exemplificado com a abordagem do romance de Patient, com a caracterização de D'Chimbo, suas decisões em todos os momentos da vida, o que acontece com qualquer indivíduo, pois essa determinação de destino acontece pelo fato de estar sozinho desde seu nascimento, durante todo seu processo de crescimento e amadurecimento como ser.

Com esse poder de decisão sobre sua vida, ele chega a sentir um misto de angústia e medo, ao perceber que talvez não seja capaz de assumir as responsabilidades a ele imposta através de suas escolhas e nem enfrentar o que o espera no futuro, e com isso demonstra a fragilidade humana, evidenciando que estará em conflito com sua consciência existencial. Visto que para existir, ele precisa pertencer ao mundo e para tal é importante estar com poder de suas liberdades de decisão.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FABBRINI, Ricardo Nascimento. O ensino de filosofia: a leitura e o acontecimento. **Trans/Form/Ação**, São Paulo-SP, p. 7-27, 2005.

GABRIEL, Fábio Antonio. **Superando um ensino enciclopédico de Filosofia.**

GELAMO, Rodrigo Peloso. O ensino de Filosofia no Brasil: um breve olhar sobre algumas das principais tendências no debate entre os anos de 1934 a 2008.

**Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 24, n. 48, p. 331-350, jul./dez. 2010.

GRISOTTO, Américo. **Ensino de Filosofia e o enredo das definições de Filosofia.** Nova Odessa, SP.

GYSSELS, Kathleen. **Serge Patient.** Disponível em: <<http://ile-en-ile.org/patient/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Serge Patient, Rencontre avec Serge Patient.** Disponível em: <<http://ile-en-ile.org/serge-patient-rencontre-avec-serge-patient/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

MAGALHÃES, Antônio. Partilhas do saber: diálogos entre filosofia e literatura. **Revista Páginas de Filosofia**, v.1, n.2, p. 47-59. [S.l.], jul/dez 2009.

MAM, Serge Lam Fouk. **Les sociétés créoles des départements français d'Amérique et le fait esclaviste: une laborieuse reconnaissance.** In : Journal des africanistes. p. 145-171. 2000.

MELLO, Tamyris Villela; PEREIRA, Everli Fernanda. **O homem e a angústia existencial em Jean-Paul Sartre.** Garça-SP: FASU/ACEG, s/d.

MISSAGGIA, Juliana. A hermenêutica de Heidegger e Gadamer: algumas influências e divergências. **GRIOT – Revista de Filosofia**, v. 6, n. 2. Armogosa-BA, dez-2012.

NUNES, Benedito. **A clave do poético: ensaios.** Org.: Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **O dorso do tigre: crítica.** Editôra Perspectiva, 2009.

PATIENT, Serge. **Le nègre du gouverneur.** Matoury: Ibis Rouge, 2001.

PINHEIRO, Victor Sales. **O diálogo entre filosofia e literatura: a crítica de Benedito Nunes e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer.** Intuitio. v. 2, n. 3, p. 364-376, nov 2009.

SANTOS, Jandir Silva. A hermenêutica da facticidade no pensamento heideggeriano. **Revista Filosofando.** Ano1, n. 1, p. 73-82, jan-jun 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** [S.l.] [s.n], 1970.

SPEAR, Thomas C. **Serge Patient, 5 questions pour Île en île.** Disponível em: <<http://ile-en-ile.org/serge-patient-5-questions-pour-ile-en-ile/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.